



**SEMINÁRIO TEOLÓGICO BATISTA DO NORTE DO BRASIL
FACULDADE STBNB - BACHAREL EM TEOLOGIA
E LICENCIATURA EM MÚSICA**

MARCO AURÉLIO BENEVIDES DE PINHO

**Ser Pastor: construção de significados na trajetória de vida sob a
perspectiva da Psicologia Cultural Semiótica**

Recife – PE
2023

MARCO AURÉLIO BENEVIDES DE PINHO

Ser Pastor: construção de significados na trajetória de vida sob a perspectiva da psicologia cultural semiótica

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
conclusão do curso de Bacharelado em
Teologia

Orientador: Prof. Esp. Jades da Cunha e
Silva Jr.

Recife – PE
2023

SUMÁRIO

1. Apresentação da Pesquisa.....	4
2. Referencial teórico	6
2.1 O Pastor	6
2.1.1 Ministério pastoral e seu exercício.....	7
2.1.2 Cuidado pastoral	9
2.1.3 Crises e armadilhas no ministério pastoral	10
2.2. Psicologia Cultural	10
2.3 Signos.....	14
2.4 Teoria do <i>Self</i> Dialógico	16
2.5. Construção de significados	17
2.6 Ruptura e transição	19
3. Proposta de estudo	21
3.1. Objetivos.....	21
3.2. Proposta metodológica	21
4. Resultados e discussões	23
5. Considerações finais.....	32
Referências	33

1. Apresentação da Pesquisa

A presente pesquisa visou analisar e descrever o tornar-se pastor, buscando apresentar as rupturas e transições na trajetória de vida de um pastor presbiteriano, sob a perspectiva dos pressupostos da Psicologia Cultural Semiótica – PCS (Valsiner, 2000; 2012) através da análise dos significados ocorridos ao longo da sua trajetória de vida, expressas em sua autobiografia.

Para isso, buscamos explorar uma nova compreensão em relação à trajetória de vida de um pastor, através de um estudo na área de psicologia do desenvolvimento, sob a perspectiva dos pressupostos da Psicologia Cultural Semiótica (Valsiner, 2000; 2012a) trazendo uma contribuição ao entendimento do processo de formação da cultura pessoal aplicada à construção de significados no tornar-se pastor. Rupturas e transições são períodos durante os quais o indivíduo define novas identidades e habilidades durante sua trajetória de vida, levando-o a construir novos significados sobre essa experiência (Zittoun, 2006a; 2006b; Salvatore e Zittoun, 2011).

Assim, o principal objetivo deste estudo foi compreender a experiência do tornar-se pastor, explorando transformações ocorridas no campo do *self*, através da análise dos significados na configuração da cultura pessoal ao longo de rupturas e transições identificadas na trajetória de vida de um pastor presbiteriano, expressas em sua autobiografia. O caso foi escolhido pelo critério de julgamento intencional, tipicidade e acessibilidade (Cooper e Schindler, 2003; Marconi & Lakatos, 2011).

O estudo tem foco no pastor tomado individualmente, visto como um sistema aberto, trazendo uma contribuição no entendimento da formação da cultura pessoal aplicada à construção de significados no tornar-se pastor. Destacamos o chamado do pastor na dimensão do cuidado de pessoas e no fato de que ele mesmo, na condição de

ser humano, está sujeito a crises e conflitos, como qualquer outro membro da comunidade, pois o chamado pastoral e sua trajetória de vida, precisam ser entendidos a partir de suas complexidades e especificidades.

Nossa proposta metodológica combina métodos de base ideográfica (Molenaar, 2004) buscando compreender a generalidade dentro de particulares sempre únicos. Assim, para investigar as rupturas e transições das trajetórias de vida de um pastor, propomos fazê-lo através de estudo de caso, pela perspectiva de caso único (Yin, 2001; Zittoun, 2006b).

Nosso procedimento de pesquisa utilizou o método amplo da história de vida, que é uma metodologia que visa ao estudo e ao registro de acontecimentos nas histórias de vida, através de uma narração autobiográfica onde o próprio personagem a constrói e a produz (Laville; Dionne, 1999; Marconi; Lakatos, 2011). O material foi analisado a partir da investigação construtivo-interpretativa, centrada no significado que os indivíduos dão aos fenômenos (MERRIAM, 1998).

Para Yin (2001), a preferência pelo uso do estudo de caso deve ser dada quando da investigação empírica de um fenômeno contemporâneo, para gerar e construir teoria em uma área onde há poucos dados ou teoria e sobre a qual o pesquisador não tem controle. Zittoun (2006) afirma que os estudos de caso têm uma longa história no estudo do desenvolvimento de adultos. Eles possibilitam identificar a evolução de algumas linhas de mudança, tendo a complexidade das vidas humanas como uma base.

O presente trabalho adota a visão de Valsiner (2000; 2012a) onde a cultura – na visão da psicologia cultural – é vista como uma parte inerente das funções psicológicas humanas. Na orientação semiótica, o termo cultura refere-se à mediação por signos, que é parte do sistema das funções psicológicas organizadas, sendo estas tanto intrapessoais como interpessoais.

2. Referencial teórico

2.1 O Pastor

1 Fiel é a palavra: se alguém aspira ao episcopado, excelente obra almeja. **2** É necessário, portanto, que o bispo seja irrepreensível, esposo de uma só mulher, temperante, sóbrio, modesto, hospitaleiro, apto para ensinar; **3** não dado ao vinho, não violento, porém cordato, inimigo de contendas, não avarento; **4** e que governe bem a própria casa, criando os filhos sob disciplina, com todo o respeito **5** (pois, se alguém não sabe governar a própria casa, como cuidará da igreja de Deus?); **6** não seja neófito, para não suceder que se ensoberbeça e incorra na condenação do diabo. **7** Pelo contrário, é necessário que ele tenha bom testemunho dos de fora, a fim de não cair no opróbrio e no laço do diabo (1Tm 3.1-7 – ARA).

Wiersbe (2007) afirma que, de acordo com o Novo Testamento, os termos "bispo", "pastor" e "presbítero" são sinônimos. Na primeira carta de Paulo a Timóteo, cujo trecho destacamos acima (1Tm 3.1-7) temos uma série de requisitos que, alguém que almeja o ministério pastoral, precisa apresentar em sua vida. A intenção aqui é dar um vislumbre, partindo do próprio texto bíblico, da condição desafiadora apresentada àqueles que desejam dedicar suas vidas ao serviço do ministério pastoral.

O trecho da primeira carta a Timóteo nos lembra que as listas de qualificações para ofícios figuram em textos tanto judaicos como gentios (KEENER, 2017). As listas de virtudes adequadas, são aplicadas tanto a ofícios políticos e militares como a religiosos. O termo traduzido por “bispo” era usado, em outros ambientes do mundo antigo, em referência aos líderes. Paulo emprega o termo como sinônimo de “presbíteros” na carta a Tito em seu capítulo 1.5,7. Esse era um título de liderança usado nas sinagogas e com longa história em Israel.

Carson et al (2009) afirma que este ofício necessita do tipo certo de pessoas. Precisamos lembrar que os primeiros cristãos vinham de diversos contextos, e isso

explica a natureza aparentemente elementar de algumas exigências contidas no capítulo da carta a Timóteo que destacamos acima. Devemos esperar que as qualidades descritas devem ser observadas por qualquer cristão sério, mas os líderes cristãos, devido sua esfera de influência e atuação como ministros cristãos, precisam ter esses sinais especialmente observados.

Este trabalho buscou analisar a construção de significados durante a trajetória de vida de um pastor presbiteriano, tomado como um ser humano. Ou seja, alguém que precisa ser visto para além de sua atuação ministerial da igreja, mas que possui necessidades, desejos, sonhos, crises, entre outros.

Do ponto de vista adotado aqui, partindo de uma abordagem da Psicologia Cultural Semiótica e da Teoria do *Self* Dialógico para analisar as transições na trajetória de vida do pastor, este é sempre visto como um “sistema” aberto. Para Valsiner (2000) então, há uma coconstrução, onde o desenvolvimento pessoal das funções psicológicas é ao mesmo tempo um processo construído pela pessoa e dirigido pelo meio social em que esta vive. Ou seja, várias outras pessoas, instituições, sistemas ideológicos etc., estão moldando as direções para a construção das funções psicológicas do indivíduo.

2.1.1 Ministério pastoral e seu exercício

Wedel e Dück (2020) registram que a palavra pastor remete para a atividade pastoril do passado, tomando sua designação emprestada da figura do pastor de ovelhas. Seu trabalho consistia em apascentar e cuidar do rebanho: ele era aquele que guiava as ovelhas, andando na sua frente, providenciava pastagens e água, defendia e guardava todo o rebanho de qualquer ataque ou ameaças. Do cuidado exemplar de Deus pelo seu povo, e igualmente de Jesus Cristo, revelado como sendo o Bom Pastor, é possível definir alguns contornos do ministério do pastor na atualidade.

No mundo evangélico tem crescido a preocupação sobre o exercício ministerial, quanto à natureza, às fontes, ao exercício e aos limites da autoridade pastoral (AZEVEDO, 2001). Assim, essas preocupações vão desde verificar se o pastor, como cuidador de outros, está sendo devidamente cuidado, passando pelo reconhecimento de que muitos pastores ignoram a natureza e os aspectos de sua autoridade, caindo em um autoritarismo que carece de base bíblica genuína (AZEVEDO, 2001; WEDEL, DÜCK, 2020). Também temos tido escândalos de repercussão nacional, envolvendo lideranças pastorais, que renovam as preocupações quanto ao exercício do ministério pastoral.

Azevedo (2001) observa que o pastor não atua como uma espécie de guru, à moda oriental. Assim, ele não exerce, ou não deve exercer, domínio sobre a consciência ou decisões das ovelhas do Senhor que estão sobre sua responsabilidade. O pastor exerce uma autoridade que é delegada, constituída pela natureza democrática e congregacional das igrejas batistas. Neste aspecto, o pastor, eleito pela igreja, na forma de seu estatuto ou regimento interno, é, em geral, presidente da igreja. E, como tal, tem atribuições estatutárias e regimentais.

Mesmo entendendo que o pastor tem uma autoridade administrativa, delegada pela igreja e exercida nos limites de sua estrutura administrativa, a fonte principal da autoridade do pastor é o Deus da Palavra, é a Palavra de Deus, é a vida em comunhão com a fé, é o fiel cumprimento de suas atribuições como presidente da igreja e líder de sua comunidade (AZEVEDO, 2001). O pastor tem autoridade incontestável quando comunica, à semelhança de Paulo, “todo o desígnio de Deus” (At 20.27 – ARA).

Este projeto busca destacar o chamado do pastor na dimensão do cuidado de pessoas e o fato de que ele mesmo, na condição de ser humano, está sujeito a crises e conflitos, como outro membro da comunidade. Nesta perspectiva, o chamado pastoral e a trajetória de vida de um pastor, precisa ser entendida a partir de suas complexidades e

especificidades. É conhecido que pastores, na sua grande maioria, são pessoas solitárias e prestam contas eclesiais e administrativas, mas poucas vezes, tem alguém com quem possam conversar sobre suas lutas e dilemas pessoais. Desse modo, observações e pesquisas apontam para o fato de que muitos pastores estão sendo negligenciados quanto ao cuidado de suas vidas e desafios pessoais (WEDEL, DÜCK, 2020).

2.1.2 Cuidado pastoral

O cuidado pastoral é uma missão e, ao mesmo tempo, um desafio que, o líder tem para com os fiéis da igreja local, em sentido amplo. Ou seja, esse cuidado se configura em três dimensões: espiritual, emocional ou social (MORAES, NASCIMENTO, MILDENBERG, 2022). O cuidado pastoral na igreja local é um desafio, pois, envolve cuidar de vidas e auxiliá-las, em necessidades diversas.

Ser pastor não é ser simplesmente dirigente de cultos; é ser dirigente de vidas e transmitir tudo aquilo que o doador da vida deseja-lhes transmitir. O pastor é alguém chamado e vocacionado por Deus para exercer o ministério, recebendo uma responsabilidade e um desafio de realizar um trabalho que muitas vezes extrapola sua capacidade física, emocional ou intelectual (BARBOSA, 2011).

Além disso, a missão de pastorear exige uma atualização contínua, através da busca pelo aperfeiçoamento de metodologias e práticas, bem como de um constante aprofundamento do conhecimento bíblico. Um pastor deve sempre buscar aprender, seja através da busca pelo conhecimento teórico, obtido através de cursos e outras atualizações, como também na sua experiência do dia a dia pastoral. Acima de tudo, reconhecer que é servo e dependente de Deus para realizar seu trabalho, e que o rebanho não lhe pertence, mas ao Senhor, e que foi chamado para levar esse rebanho ao bom alimento, boa água, descanso e a proteção do Bom Pastor, Cristo (BARBOSA, 2011).

2.1.3 Crises e armadilhas no ministério pastoral

A imagem criada, um tanto mítica, do pastor como sendo alguém acima da média humana, similar a um “super-herói”, imune aos reveses comuns aos simples mortais, não permite perceber que o agente do pastoreio também está sujeito às fragilidades, limitações e falhas, semelhantes aos membros e congregados das igrejas locais (WEDEL, DÜCK, 2020).

Azevedo (2001) apresenta algumas crises vividas por pastores, mas sem se preocupar em relacioná-las em ordem de grandeza. O autor lembra que a ocorrência de crises não está ligada a menor ou maior maturidade do obreiro e que, mesmo figuras bíblicas proeminentes, como Moisés e Paulo, enfrentaram seus momentos de crise.

A crise de identidade e vocacional, onde o pastor questiona seu chamado ou mesmo sua identidade denominacional (como evangélico batista, neste caso); uma crise de relevância do seu ministério e uso de métodos adequados na consecução da obra do Senhor; a crise diante da queda de colegas queridos, enquanto precisa dar conta de suas próprias fragilidades e dos perigos que ele mesmo enfrenta; crise em face das mudanças rápidas e dramáticas de nosso tempo (AZEVEDO, 2001). Esses pontos, além de outros que podem ser trazidos por outros autores e abordagens, pintam um quadro de possíveis ameaças enfrentadas pelos pastores no exercício de seu ministério.

2.2. Psicologia Cultural

A Psicologia Cultural tem interesse em compreender o processo dinâmico do desenvolvimento humano, em qualquer idade, pela mediação semiótica, num tempo irreversível, através de experiências socioculturais afetivas e cognitivas, nas quais todas as pessoas são guiadas e reguladas por dispositivos semióticos (Valsiner, 2012a).

O uso do termo cultura tem sido difícil ao longo da história das sociedades humanas, tanto no discurso cotidiano como no científico (Valsiner, 2012a). Cultura é,

num certo sentido, uma palavra “mágica” – positiva em suas conotações, mas difícil de localizar com precisão em qualquer ciência que pretenda usá-la como seu núcleo (Valsiner, 2012b). Sua importância é acentuada por termos da moda em nossa linguagem contemporânea, como multiculturalismo, raízes culturais, práticas culturais etc.

Valsiner (2012a) já havia apontado que há duas tendências básicas que orientam os estudos com centralidade na cultura. A primeira é a orientação semiótica, cujo foco recai sobre a capacidade humana de criar e usar signos, considerando que o ser humano é guiado por um sistema de regulação semiótica e a nossa mente é constituída por signos.

Nela, a cultura e o ser humano são reconhecidos como fenômenos separados, mas tendo uma interdependência obrigatória entre eles, estabelecendo uma relação chamada de separação inclusiva (Valsiner, 2012a), que resgata a singularidade do sujeito e o seu lugar no mundo, em um processo incontestável de imersão na cultura e nas relações sociais.

Para a Psicologia Cultural a pessoa não é influenciada pelos outros (nem influencia os outros). Ao invés de uma simples seta causal – da pessoa para os outros ou vice-versa – nós temos um *loop* construtivo da pessoa em relação com o(s) outro(s) – através da criação de significados do outro (“amada vovó”) projetando-se no outro (“meu pai tem tanto medo da vida quanto eu”) criando empatia com o outro (“aquele pobre mendigo pelo qual passei na rua principal) e agindo em direção ao outro (comendo, aliciando ou matando 18 deles). Essas relações com os outros equivale a uma relação – através deles – que volta para si mesmo (Valsiner, 2014).

Para Shweder (1990) a Psicologia Cultural é o estudo da maneira como tradições culturais e práticas sociais regulam, expressam e transformam a *psique* humana.

Psicologia Cultural é o estudo dos modos como o sujeito e o objeto, o *self* e o outro, *psique* e cultura, pessoa e contexto, figura e fundo, praticante e prática, vivem juntos, dependem um do outro e dinamicamente, dialeticamente e conjuntamente fazem um ao outro.

Para Cole (1996) a Psicologia Cultural é o campo da psicologia que estuda o papel da cultura na mente da pessoa. Para o autor, é difícil para as pessoas perceberem a cultura, porque ela é um meio dentro do qual existimos. Cole (1996) compara esta condição à de um peixe dentro da água. Assim, por estarem cotidianamente inseridas em uma atmosfera, em um ambiente cultural, as pessoas não atentam naturalmente para esta condição.

Vygotsky (1994) propõe que toda forma elementar de comportamento pressupõe uma reação direta a uma dada situação com a qual o organismo se defronte, representada por uma relação simples de estímulo e resposta. Contudo, a estrutura de operações com signos requer um elo intermediário entre o estímulo e a resposta. Esse elo intermediário é um estímulo de segunda ordem (um signo) colocado no interior da operação, preenchendo uma função especial, criando uma relação entre o estímulo e a resposta. O signo não modifica em nada o objeto da operação psicológica, mas se constitui como um meio da atividade interna dirigido para o controle do próprio indivíduo; assim, o signo é orientado internamente.

Vygotsky (1994) chama de internalização a reconstrução interna de uma operação externa. O processo de internalização consiste numa série de transformações, onde uma operação que inicialmente representa uma atividade externa é reconstruída e começa a ocorrer internamente. Ou seja, um processo interpessoal é transformado num processo intrapessoal, sendo essa transformação o resultado de uma longa série de eventos ocorridos ao longo do desenvolvimento.

De acordo com Valsiner (2014) a Psicologia Cultural surge na intersecção de dois sub-campos da psicologia – do desenvolvimento e social – tendo a antropologia, história, sociologia, sociolinguística e ciências da educação como vizinhos próximos. Diferentemente do resto da psicologia, que preferiu centrar sua atenção nas funções psicológicas inferiores – percepção imediata, atenção, comportamento e resolução de problemas – a psicologia cultural se orienta para o estudo das funções psicológicas superiores – aquelas funções que acarretam o uso da vontade humana e da construção intencional de significado.

Para Valsiner (2000), na Psicologia Cultural podem-se distinguir três direções diferentes. Primeiro, existe uma classe de *perspectivas dialógicas* quanto ao fenômeno psicológico humano. Essas perspectivas enfatizam as noções de discrepância, oposição, negociação e conflito como sendo aspectos produtivos das diferentes construções teóricas. Em segundo lugar, podem-se delinear perspectivas que arranjam a *atividade socialmente situada* como o local onde está situada a socialidade humana. Finalmente, temos um número de direções que enfatizam a construção simbólica pela mente humana como sendo o *locus* social da pessoa.

Essa abordagem é pautada na realidade social do dia a dia das pessoas, considerando sempre a historicidade (LYRA; VALSINER, 2011), lidando com fenômenos psicológicos que ocorrem devido aos aspectos socioculturais das vidas humanas em seus contextos sociais variados (VALSINER; ROSA, 2007).

Sato *et al.* (2006) valoriza a construção de significados das experiências de vida das pessoas que são trazidas pela abordagem da Psicologia Cultural, podendo esta ser encarada como um caminho promissor, já que considera as pessoas como sistemas ao invés de unidades. Bruner (1997) acrescenta a importância do contexto social e histórico, sendo que Valsiner (2012a) chama a atenção para o fato de que ocorrem num

tempo irreversível. Como o tempo é irreversível – nenhum momento no tempo se repete, e não pode voltar atrás.

2.3 Signos

Para a Psicologia Cultural, a cultura é entendida como processo semiótico, e não como uma entidade, constituindo as pessoas em uma troca constante entre a construção única do sujeito – cultura pessoal – e a cultura coletiva historicamente construída e reconstruída (Valsiner, 2000; 2012a). A cultura trabalha tanto pela transformação (flexibilidade) quanto pela manutenção (estabilidade) ou destruição de normas e valores que funcionam como guias e reguladores semióticos das nossas experiências de vida.

Para Valsiner (2000; 2012a) a Psicologia Cultural tem foco no processo, tratando o fenômeno psicológico humano (chamado de *psique* em seu contexto amplo) não como uma entidade, mas como processos. Esses processos incluem cultura – na forma do funcionamento de mediadores semióticos, signos – em localizações específicas nos processos.

A noção de signo adotada na Psicologia Cultural Semiótica deriva diretamente das formulações de Charles Sanders Peirce na área de semiótica. Para Valsiner (2000; 2012a) signos significam, em termos genéricos, a representação de algo para alguém com alguma qualidade. A construção e o uso dos signos é uma atividade semiótica. Os humanos estão constantemente envolvidos na construção de signos e nas trocas entre os significados dos signos e as mensagens trocadas entre outros, através do impacto dessas mensagens sobre o ambiente e o retorno destes impactos sobre a pessoa.

A mediação semiótica garante tanto a flexibilidade quanto a inflexibilidade do sistema psicológico humano, através dos processos de abstração da generalização e contextualização da especificação, os quais operam através das camadas da hierarquia da regulação semiótica. A especificidade do contexto dos fenômenos psicológicos é

uma indicação dos mecanismos gerais que terminam por gerar a variabilidade (Valsiner, 2001).

A mediação semiótica se estabelece por signos e integra o sistema de funções psicológicas desenvolvidas pelo indivíduo na organização histórica de seu grupo social, além de desempenhar uma função reguladora nos processos inter e intrapsicológicos (Valsiner, 2001).

Sendo essas funções tanto intrapessoais, isto é, dentro dos processos intrapsicológicos de uma pessoa quanto à sua experiência do mundo. Essas funções também podem ocorrer no âmbito interpessoal: diferentes pessoas envolvidas em relações que podem envolver conversar, lutar, persuadir ou evitar umas às outras, evitando ainda determinados domínios de experiência (Valsiner, 2000; 2012a).

Bertalanffy (2013) afirma que excetuando a imediata satisfação das necessidades biológicas, o homem vive em um mundo não de coisas, mas de símbolos. Assim, os vários universos simbólicos, materiais e não materiais, que distinguem as culturas humanas das sociedades animais, são uma parte, e é fácil de ver a parte mais importante, do sistema de comportamento do homem. Pode-se, com razão, pôr em dúvida se o homem é um animal racional, mas certamente é de todo um ser criador e dominador de símbolos.

Para Valsiner (2012a) a ontogenia humana envolve a construção e o uso de signos para regular os fenômenos psicológicos emergentes, tanto os interpessoais quanto os intrapessoais. Sendo que estes últimos podem ser descritos como desenvolvimento de mecanismos regulatórios hierárquicos de crescente generalidade: assim, pelo uso de signos, os seres humanos podem transcender qualquer contexto de atividade situada no aqui-e-agora, lançando mão de significados pessoais subjetivamente construídos (ou seja, a cultura pessoal).

Na teoria semiótica de Valsiner (2012a) encontram-se conceitos que mostram o processo e a dinâmica de como os signos regulam os seres humanos. Os indivíduos são regulados e autorregulados na cultura pessoal em um processo de separação inclusiva com a cultura coletiva. Ou seja, a cultura coletiva regula o indivíduo quando esta cultura passa a ser um autorregulador deste indivíduo, ou seja, quando ele internaliza os significados criados pela cultura coletiva ao seu redor, “engolindo-os”, tornando-os parte da sua cultura pessoal.

2.4 Teoria do *Self* Dialógico

Outro referencial teórico relevante para as proposições de nosso projeto é a Teoria do *Self* Dialógico (Hermans, 2001; 2002; Hermans, Kempen & Van Loon, 1992; Salgado & Gonçalves, 2007; Salgado & Hermans, 2005), já que ela favorece um olhar diferenciado sobre os processos de configuração e reconfiguração do *self* que parecem ser fundamentais aos processos de desenvolvimento.

O *self* dialógico proposto por Hermans (2001; 2002) trata de um escopo mais amplo de análise tanto do conceito de *self* quanto do conceito de cultura. Propõe-se *self* e cultura como uma multiplicidade de posições entre as quais os relacionamentos dialógicos podem ser estabelecidos. Dando particular atenção às vozes coletivas, à dominação e assimetria das relações sociais, e as formas personificadas de diálogo.

De forma sucinta, o *self* dialógico pode ser descrito como uma multiplicidade dinâmica de *I-positions* na paisagem da mente, relativamente autônomas, entrelaçadas de uma forma como se essa mente estivesse em conjunto com as mentes de outras pessoas (Hermans, 2001; 2002). Hermans, Kempen & van Loon (1992) afirmam que o *self* pode ser concebido de uma forma dialógica, numa visão que vai além do individualismo e do racionalismo. O *self* dialógico é uma entidade teórica (*self*) que se

organiza (existe) por meio de um processo de relações dialógicas entre seus componentes (Valsiner, 2012).

Entende-se, para fins da presente pesquisa, que no tornar-se pastor há uma reconfiguração do sistema do *self* dialógico ao longo do tempo. Isso envolve tanto as configurações subjetivas e posicionamentos (*I-Positions*) que vão emergindo, quanto as interações destas configurações com as múltiplas esferas de experiência nas quais esses pastores se inserem.

Na Teoria do *Self* Dialógico, a ideia de *I-Positions* corresponde à noção de *variabilidade* no interior do sistema do *self*. Ao invés de falar em unidade, centralidade, entidade única e pontual, a noção de *I-Position* remete à visão de campo para se referir aos componentes do sistema do *self*. Nesse sentido, *I-Positions* podem corresponder tanto a *papéis sociais* (socialmente esperados), quando a *sentidos reflexivos*, e a *estados afetivos* da pessoa. Portanto, é possível pensar que a pessoa constrói sua experiência subjetiva de maneira dinâmica, através de um fluxo contínuo entre *I-Positions* passadas, presentes e imaginadas (futuras), cada uma expressando uma “voz” que dá sentido às experiências que a pessoa está vivendo (Hermans, 2001; 2002; Mattos, 2013; Salgado & Hermans, 2005).

2.5. Construção de significados

Segundo Salvatore e Zittoun (2011) a construção de significados é o processo pelo qual as pessoas transformam sua experiência em uma experiência significativa, que tem um valor, que está relacionada com outros eventos e sobre a qual essas pessoas podem pensar ou se expressar – a construção de significado é um núcleo do fenômeno psicológico.

Para Salvatore e Zittoun (2011) a psicologia cultural pode ser definida de maneira ampla como uma vertente da psicologia que examina as atividades e processos

de construção de significados através dos quais as pessoas e seus ambientes sociais e culturais constituem-se mutuamente.

Valsiner (2012a) afirma que o homem tem capacidade e propensão a criar e utilizar artifícios que permitam o seu distanciamento do contexto imediato. Isto dá possibilidade ao ser humano, mesmo estando imerso no contexto aqui-agora, de refletir sobre o contexto do qual faz parte. Esta reflexão (reflexiva e cognitiva) torna viável para o sistema psicológico considerar contextos no passado, imaginar situações futuras e assumir o ponto de vista de outras pessoas.

De acordo com Valsiner (2014) as nossas mentes são culturalmente construídas e os seres humanos constantemente procuram dar significado às coisas com as quais eles se deparam. Refletimos sobre nós mesmos, sobre os outros, sobre o nosso ambiente e agimos com objetivos orientados para o futuro. Assim, construímos significado através dos signos que organizam nossa relação com o meio ambiente e dão um sentido de ordem às nossas experiências que precisam dar conta não apenas do aqui-e-agora, mas também da incerteza do próximo momento em um tempo irreversível (Abbey, 2012).

Abbey (2012) apresenta uma noção diferente daquela normalmente explorada nas ciências acerca das relações entre o presente e o futuro e que nos ajuda a formar uma ideia acerca da construção de significados pelos indivíduos. Nas ciências em geral, costuma-se aceitar que o passado influencia o presente, já para a autora, o futuro influencia o presente.

Para Valsiner (2012a) passado e futuro são inseparáveis. Em todos os processos dinâmicos que ocorrem no tempo irreversível, a fronteira do presente separa o futuro ainda não conhecido (mas que vai seletivamente desaparecendo) do passado. Como uma

linha infinitesimal entre o passado e o futuro, o momento presente na vida de alguém é essa fronteira.

Abbey (2012) afirma que essa relação entre o presente e o futuro pode ser descrita em termos de um “A” e um “não-A”. Dentro desse sistema, qualquer ideia relacionada a “A” (que é o caso do momento presente e imediato) se refere simultaneamente a seu campo oposto, “não-A” (uma figura ainda não conhecida que pode vir a ser). O campo “não-A” é composto de todas as transformações que “A” – no presente – ainda não aconteceram, mas que poderiam acontecer no futuro.

2.6 Ruptura e transição

Zittoun (2007) assinala a existência de uma longa tradição na psicologia, para estudar momentos de mudança onde há o surgimento da novidade. Esses processos orientam-se na direção de uma nova forma de estabilidade que permite à pessoa dar continuidade ao seu cotidiano de uma forma adaptada e renovada.

O primeiro critério para considerar um evento como uma ruptura significativa é que ele é, subjetivamente, consciente ou inconscientemente, percebido pela pessoa como questionando seu senso de *self* e de continuidade. Da perspectiva de uma pessoa, a ruptura é percebida quando suas representações e compreensões de determinada parte do mundo não são mais adequadas para apreender e compreender uma dada experiência (Zittoun, 2006b).

As rupturas podem ser bem variadas. Os seres humanos têm uma grande variedade de experiências em várias esferas de suas vidas. Enquanto algumas rupturas afetam completamente o senso de quem a pessoa é, como as crises, desafios ou pontos de virada no curso de uma vida. Já outras rupturas são mais restritas e afetam apenas uma esfera da experiência, sem um desequilíbrio dramático da pessoa como um todo (Zittoun *et al.*, 2003; Zittoun, 2006b).

Rupturas são momentos em que os modos de ajuste progressivo são interrompidos, além de poder ser esperadas ou inesperadas. Rupturas pode ser resultante de fatores internos ou externos e podem ocorrer de repente, interrompendo o fluxo normal dos eventos, ou ainda emergir de uma situação repetitiva ou de um processo lento, consistindo de micro ajustes que podem durar meses ou anos (Zittoun *et al.*, 2003; Zittoun, 2006a; 2006b; 2012).

Transições são os processos que correspondem ao reequilíbrio subsequente às rupturas. Essas podem envolver processos que vão na direção da assimilação ou acomodação. Elas têm como objetivo restaurar o senso de continuidade e integridade do *self* para além do momento de ruptura, permitindo à pessoa definir quais as novas condutas e o entendimento da nova situação (Zittoun *et al.*, 2003; Zittoun, 2006a; 2006b; 2012).

As pessoas vivem em cenários que lhes proporcionam relativa estabilidade e previsibilidade. Entretanto, os contextos não são fixos ou imutáveis. É claro que declarar que todas as coisas estão mudando constantemente é um ponto de partida. A mudança ocorre em um ambiente de tensão constante entre a continuidade e a mudança (Zittoun, 2012).

Outras mudanças levam a formas de ação ou situações completamente novas, a partir das quais tudo será diferente e não é possível estabelecer um caminho de retorno. Essas mudanças requerem uma reelaboração da compreensão de uma pessoa acerca de suas ações e de seu relacionamento com o ambiente (Zittoun, 2012).

3. Proposta de estudo

3.1. Objetivos

Objetivo Geral

A presente pesquisa visou analisar e descrever o tornar-se pastor, buscando apresentar as rupturas e transições na trajetória de vida de um pastor presbiteriano, sob a perspectiva dos pressupostos da Psicologia Cultural Semiótica – PCS (Valsiner, 2000; 2012) através da análise dos significados ocorridos ao longo da sua trajetória de vida, expressas em sua autobiografia.

Objetivos Específicos

Já os objetivos específicos constituem-se como segue:

- Caracterizar os processos de ruptura e transição que configuram a trajetória de vida do participante;
- Mapear os significados construídos pelo participante, que compõem a cultura pessoal e orientam o percurso de tornar-se pastor.

3.2. Proposta metodológica

Nossa proposta metodológica combina métodos de base ideográfica (Molenaar, 2004) buscando compreender a generalidade dentro de particulares sempre únicos. Assim, para investigar as rupturas e transições das trajetórias de vida de um pastor, propomos fazê-lo através de estudo de caso, pela perspectiva de caso único (Yin, 2001; Zittoun, 2006b).

Nosso procedimento de pesquisa utilizou o método amplo da história de vida, que é uma metodologia que visa ao estudo e ao registro de acontecimentos nas histórias de vida, através de uma narração autobiográfica onde o próprio personagem a constrói e a produz (Laville; Dionne, 1999; Marconi; Lakatos, 2011). O material foi analisado a

partir da investigação construtivo-interpretativa, centrada no significado que os indivíduos dão aos fenômenos (MERRIAM, 1998).

Para Yin (2001), a preferência pelo uso do estudo de caso deve ser dada quando da investigação empírica de um fenômeno contemporâneo, para gerar e construir teoria em uma área onde há poucos dados ou teoria e sobre a qual o pesquisador não tem controle. Zittoun (2006) afirma que os estudos de caso têm uma longa história no estudo do desenvolvimento de adultos. Eles possibilitam identificar a evolução de algumas linhas de mudança, tendo a complexidade das vidas humanas como uma base.

O presente trabalho adota a visão de Valsiner (2000; 2012a) onde a cultura – na visão da psicologia cultural – é vista como uma parte inerente das funções psicológicas humanas. Na orientação semiótica, o termo cultura refere-se à mediação por signos, que é parte do sistema das funções psicológicas organizadas, sendo estas tanto intrapessoais como interpessoais.

4. Resultados e discussões

Este estudo foi elaborado com base na autobiografia do pastor Eugene Peterson, intitulada “Memórias de um pastor”. Eugene Peterson foi um pastor presbiteriano, professor, teólogo, escritor e poeta. Nascido em 1932, no estado de Washington (EUA), ainda jovem se mudou com a família para Montana, onde foi criado. Graduiu-se pelo Seminário Teológico de Nova York e pela Universidade John Hopkins. Em 1962, fundou a Igreja Presbiteriana Cristo Nosso Rei, único local em que atuou como pastor titular, trabalhando por 29 anos nesse ministério. Já durante esses anos, ele também atuou como escritor e professor. Ele faleceu no dia 22 de outubro de 2018, aos 85 anos.

Na análise construtivo-interpretativa dos escritos do sujeito da pesquisa, procedeu-se o destaque de trechos de sua autobiografia. Tendo em vista a extensão dos dados, selecionamos trechos considerados significativos ou relevantes face aos objetivos da pesquisa.

Na introdução do livro, Peterson afirma que “*nunca havia passado por minha cabeça ser pastor*” e vai descrevendo sua experiência inicial com pastores de uma forma um tanto pessimista, chegando a afirmar que em sua igreja “*pastores mesmo não havia*”, mas “*evangelistas, missionários, avivalistas e pregadores de cura divina*”. Entendemos que essa carência forjou o pastor que ele seria. Assim, Peterson vai construindo sua espiritualidade a partir da herança deixada por seus pais, da carência de pastores de verdade, adotando um jeito peculiar de olhar para o todo da caminhada pastoral e para as particularidades.

Trajatória de vida e construção de significados de Eugene Peterson sobre tornar-se pastor

Na descrição da trajetória de vida do pastor Peterson, marcando seus momentos de inserção no caminho pastoral, foram detectados dois pontos de bifurcação. O primeiro ponto de bifurcação e ruptura encontrado é a ida de Peterson para o seminário. Assume-se que o ingresso no Seminário Bíblico de Nova York foi o ponto de sua trajetória que influencia toda sua caminhada pastoral. Ele entrou no seminário sem ter a convicção do chamado para ser pastor e, inicialmente, vislumbrava uma carreira acadêmica, porém, entrar no Seminário traz a Peterson a oportunidade de conhecer pessoas e ter experiências que mudam sua personalidade e visão cristãs, tornando-se uma busca pelo divino e transcendente. Algo que o direcionou, enfim, pelo caminho que ele ansiava, mesmo ainda não reconhecido como tal.

“Poucos dias depois de chegar ao seminário, me vi em uma sala de aula diante de Robert Traina, um professor que mudaria profundamente a Bíblia para mim, e também a mim, e de um modo tal que influenciaria tudo o que haveria de fazer pelo resto da vida. Não estou exagerando”. Segundo Eugene, ele e todas as pessoas com quem havia se relacionado até então, tratavam a Bíblia como uma coisa a ser “usada”, fosse como um livro texto de informações sobre Deus ou como um manual para levar pessoas à salvação. Sua experiência, longe de ser meramente acadêmica durante o período no seminário, tornou-se uma percepção do mundo inteiro da criação e da salvação a partir do que a Bíblia ia lhe revelando.

Assume-se, assim, que a entrada no Seminário Bíblico em Nova York funcionou para Eugene Peterson como um ponto de bifurcação determinante na busca espiritual que empreendera até aquele momento. Uma busca pelo divino e transcendente.

Peterson – *Memorizei o salmo 108 há sessenta anos. [...] Três chamados de despertar aparecem na abertura do salmo: “Desperta, ó minha alma” [...] “Desperta, ó harpa e cítara” [...] e “despertarei a própria aurora”. Será que eu estava desperto? Desperto de verdade? Meus olhos estavam abertos, e eu fazia o que tinha de fazer, mas será que estava desperto para Deus? Minha alma estava desperta? Se eu estivesse realmente desperto, não estaria apenas molhando a grama; estaria também agradecendo, louvando e cantando.*

Destacamos esse ponto de bifurcação, pois, em outros pontos de sua autobiografia, Peterson não fala com convicção da escolha pela caminhada pastoral, chegando mesmo a duvidar de que fosse capaz de se tornar um pastor:

Peterson – *Não consegui dormir. Lutei com um anjo a noite toda, orando, fazendo perguntas, repassando tudo o que ocorrera nos últimos quatro meses. Quando o sol despontou, sabia que estava no lugar errado, na hora errada e fazendo a coisa errada. Eu não era pastor.*

Peterson – *Poderia trabalhar como açougueiro com meu pai. Ele sempre quis que eu fosse seu sócio. Poderia me alistar no Exército. O país estava em guerra com a Coreia. Poderia também ir para o seminário. Jamais pensara nessa possibilidade. Estudar filosofia, sim; ir para o seminário, não.*

Não abordaremos em profundidade neste trabalho a trajetória de vida do Reverendo Peterson em sua cidade natal, no estado de Montana, nos Estados Unidos, com sua vivência na denominação pentecostal na qual ele e seus pais eram membros. Mas Peterson afirma ter sido influenciado em não considerar o ingresso no seminário, também como fruto do pensamento da igreja de sua infância e adolescência: *“Na cultura da igreja em que cresci, seminário era algo fora de propósito”.*

Porém, sua mãe atuou como um terceiro significativo que confirmou seus sentimentos, muitas vezes conflitantes, em relação à sua ida para o seminário. Após o período de crise entre deixar a universidade de filosofia e não encontrar um caminho profissional que lhe parecesse promissor, uma conversa com sua mãe serviu como promotor da decisão final pela vida como seminarista – **mãe:** *“O que você vai fazer então?”* **Peterson:** *“O que você acha de eu ir para o seminário?”* **mãe:** *“Sempre achei que fosse para o seminário.”* Após alguns contatos telefônicos, uma semana depois dessa conversa, Peterson estava matriculado no Seminário Bíblico de Nova York: *“atual Seminário Teológico de Nova York, situado no trecho leste da Rua 49, nº 235”*.

Peterson construiu, assim, um significado para uma situação que se apresentava, a de se tornar seminarista, com todas as situações e expectativas concernentes a esta trajetória. Peterson age, então, posicionando-se pessoal e socialmente em relação a esta nova situação (ZITTOUN et al., 2011). O ingresso no seminário foi o ponto de bifurcação que marca o fim de períodos de tensão e dúvidas que haviam marcado sua vida até aquele momento.

Peterson – *Foram seis meses e tanto. Primeiro [...] um sonho africano; depois, a decepção da recusa que me despertou do sonho, seguida da tentativa de me tornar pastor pelos motivos mais errados possíveis, até a matrícula, inesperada, em um seminário de Nova York. Diferentes etapas da minha trajetória até me tornar pastor. Se isso não for andar a esmo, então não sei o que é.*

No seminário, além da transformação de sua visão sobre a Bíblia: *“à medida que as semanas iam se passando, semestre após semestre, minha leitura da Bíblia estava se tornando um diálogo. Já não lia mais palavras; ouvia vozes”*; Peterson se encaminha para sua vivência entre os presbiterianos, liderando o time de basquete da Igreja

Presbiteriana de Madison Avenue, ainda em Nova York. Segundo ele: *“Trabalharia com uma igreja sem ter de ir à igreja”*.

Ao conhecer o pastor da igreja da Madison Avenue, descobriu novo sentido no entendimento e no jeito de pregar a Palavra. Até então, Peterson *“não conhecia nenhum presbiteriano e desconhecia praticamente tudo o que ia pela cabeça deles”*. Ele afirma ter crescido ouvindo pregações que eram uma mistura de gritos de torcida com entretenimento, através de uma farta distribuição de versículos da Escritura disparados aleatoriamente por todos os lados. Sua experiência na Igreja Presbiteriana de Madison Avenue, através da convivência com outros seminaristas e com o pastor da igreja, foram sua introdução tanto aos *“bastidores”* da vida de pastor como lhe mostraram que a vida de pastor tinha muito mais a lhe oferecer do que jamais havia imaginado.

Peterson – *A cada ano, durante três anos, sem que eu pedisse, tinha de me responsabilizar por uma igreja presbiteriana como parte do meu trabalho de campo. Aos poucos, fui me acostumando ao que, antes do seminário, não passava de um termo do meio eclesiástico que eu não sabia definir. Eu era bem recebido; dedicado; praticamente me sentia presbiteriano. Decidi então oficializar: tornei-me presbiteriano. O termo presbiteriano começava a ganhar textura, mas pastor ia ganhando associações que me pareciam pessoais e simpáticas.*

Assim toda sua vida, suas perspectivas de carreira profissional, suas expectativas de tudo o que esperava vivenciar como adulto se modificaram. Sua caminhada no seminário, seu tempo na igreja da Madison Avenue, mudou sua trajetória de vida daí por diante. O pastor de Peterson em seu último ano no seminário em Nova York, pediu a ele em um domingo depois do culto: *“Eugene, gostaria que você se ordenasse ministro presbiteriano. Sei que você não pensa em ser pastor, que pretende terminar o curso e dar aulas de filosofia, mas acho que seria uma boa experiência. Você precisa*

de uma igreja em que se sinta responsável por seus membros e onde possa também se dedicar a uma herança teológica consagrada. Tanto professores quanto pastores precisam de uma estrutura de apoio a quem prestar contas. A carreira de professor ou de pastor não é lugar para lobos solitários, as pressões são muito grandes, e as seduções também”.

Assim, após essa conversa, ele se preparou para os exames de ordenação e foi examinado e aprovado em uma reunião da Primeira Igreja Presbiteriana. O seminário para Eugene Peterson foi “*um bom lugar*”. O seminário foi para ele “*uma comunidade segura de amizade, oração e de aprendizado durante aqueles anos em que eu ainda estava em formação e sem saber o que viria pela frente*”.

A trajetória de vida e a construção de significados sobre tornar-se pastor de igreja

O início de seu trabalho como pastor em uma congregação presbiteriana, na cidade de Baltimore, foi identificado como o segundo ponto de bifurcação na trajetória de vida de Peterson. Agora ele deixa de ser apenas alguém que trabalha com funções pastorais, conduzindo grupos de estudos de jovens, decidindo por seguir um chamado para o campo missionário na África, para assumir a liderança de uma igreja. “*Eu não apenas era pastor; era pastor de igreja. Uma congregação, um grupo de santos e pecadores, esse era o meu local de trabalho. Era aí que eu iria trabalhar todos os dias*”. A Igreja Presbiteriana Cristo Nosso Rei foi a única igreja pastoreada pelo Pastor Peterson durante sua vida ministerial

Peterson foi, assim, levado a construir um significado para uma situação que se apresentava, a de assumir uma nova congregação e tornar-se o pastor de uma comunidade de fé. Agindo e se posicionando socialmente em relação a esta nova situação (ZITTOUN et al., 2011) tornando-se o principal responsável pela direção

espiritual e material dos membros da igreja. Mesmo em meio a crises momentâneas e dúvidas, ela agiu efetivamente como um pastor, buscando cumprir integralmente seu chamado.

Peterson conta que no decorrer da década de 50 nos Estados Unidos, a frequência às igrejas crescera de uma maneira sem precedentes, com a abertura de novas igrejas em todos os estados daquele país. Isso não era diferente para a denominação presbiteriana, da qual ele fazia parte. E essa realidade trouxe para o agora Pastor Eugene Peterson o pensamento de que seria interessante experimentar a implantação de uma igreja, descobrindo em primeira mão *“o que significava ser pastor na vida real de uma igreja”*. E foi assim que ele chegou a Baltimore, cidade mais populosa do estado norte-americano de Maryland.

Lúcia afirma que não encontrou dificuldades no sentido de passar a ser a “cara” do restaurante com a morte de João, já que, quando ele morreu, ela *“já estava aqui dentro há um tempo”*. Ela afirma que já havia assumido tarefas administrativas além de cuidar da cozinha. Além disso, ela também considerou que o restaurante era uma coisa sua também *“porque era uma coisa que eu acreditava, um caminho de vida que eu me identificava, aí eu resolvi continuar”*.

Ele viveu as dúvidas e descobertas, desafiadoras e maravilhosas do que significa estar diante de uma igreja como seu pastor. Ele afirma que tinha a perspectiva de construir uma igreja de cristãos disciplinados e comprometidos, determinados e energizados para cumprir missões de evangelismo e conquista de almas para Jesus. Peterson esperava encontrar *“uma congregação de Boinas Verdes para Jesus. Nada de cristãos pela metade, ou quase cristãos. Só gente autêntica”*.

A construção de signos tem lugar no tempo irreversível, em que a ação se dá sobre as diversas situações que vão acontecendo. Há uma necessidade de ação simultânea, do momento presente em direção ao futuro que se tornará presente no próximo momento, refletindo de alguma forma sobre os acontecimentos. O poder dos signos regulando o agir é tão óbvio que sob condições comuns, o sujeito dificilmente se dá conta disso (VALSINER, 2015). É essa uma das novidades que pode ser trazido pela visão da Psicologia Cultural Semiótica ao estudo do tornar-se pastor.

Peterson que ao levarmos a vida cristã a sério, seguindo os ensinamentos da Bíblia, mesmo que nossas expectativas sejam diferentes na implantação de uma igreja e na busca da vida pastoral, muitas vezes apenas vamos acabar no meio de pessoas que não são aquilo que esperamos encontrar em nossas igrejas. No entanto, é nesse lugar e no meio dessas pessoas que encontramos, que construímos o conceito do que denominamos como igreja. E muitas vezes *“é difícil superar a decepção de que Deus não tenha chamado pessoas simpáticas, realizadas, educadas e perspicazes para adorá-lo”*.

A constatação do Pastor Eugene Peterson, de sua caminhada na implantação e no ministério à frente da Igreja Presbiteriana Cristo Nosso Rei, de que a igreja é um lugar de histórias. Histórias tanto de Jesus, mas também histórias de homens e mulheres com quem todos os pastores conviveram durante o curso de suas vidas e em suas igrejas. São histórias da vizinhança, de cada membro e congregado que faz parte da igreja. E, assim, a igreja se torna um lugar de histórias não apenas da vida do pastor, mas da comunidade; e cada história afeta e é afetada por todas as histórias de vida daqueles que participam daquela comunidade de fé.

Peterson – *Há muitos em dificuldades, endividados e infelizes – ou inconformados, irados, gente bruta ou que está dormindo. Isso complica demais as coisas, mas não há*

como evitar. Somos igreja. Estamos em busca de sentido para a vida. Pegamos um fio da meada e começamos a segui-lo, acolhemos as boas-novas de que Deus é gracioso; abrimo-nos aos sacramentos do mover divino em nossa vida real. Topamos então com a história de alguém e nem sequer nos damos conta de que se trata de uma história, ficamos sem rumo e, distraídos, tropeçamos. Este é o meu local de trabalho”.

Peterson – *De vez em quando, porém, um raio da beleza mais luminosa parece se materializar vindo não se sabe de onde e ilumina as pessoas ao nosso lado. Vejo então o que meus olhos embotados pelo pecado não eram capazes de ver: vidas plasmadas pela Palavra de Deus, geradas pelo Espírito Santo, de uma humildade disposta ao sacrifício, de uma virtude heroica, que erguem a Deus um louvor santo, sofrendo sem perder o contentamento, orando sem cessar, perseverando na obediência”.*

A vida de uma pessoa não diz respeito apenas ao que a pessoa faz, ou mesmo não apenas sobre o que eles experimentaram em seu curso de vida real. Uma grande parte é representada pela imaginação da pessoa – imaginar que você está na praia ao invés de no trabalho, como era a vida antes de uma catástrofe ou que alguém um dia poderia se tornar um pastor. A imaginação está conectada a rupturas e à trajetória de vida em um duplo sentido. Primeiro, por algumas vezes as pessoas imaginarem que a vida poderia ser diferente, eles criam rupturas como modelos de futuros possíveis. Segundo, as rupturas requerem imaginação: após uma ruptura da trajetória de vida como era, a pessoa tem que se engajar em explorações ativas de novos caminhos e possibilidades de como viver diante das novas condições e como aprender com o passado (ZITTOUN; VALSINER, 2016).

5. Considerações finais

As tomadas de decisões que envolvem os diferentes processos do tornar-se pastor são inerentemente relacionadas ao sujeito, ou seja, ser pastor é algo que *só existe na pessoa* (itálico nosso). Desse modo, a pessoa nunca pode ser tomada como algo separado, como um “fator” ou “categoria”, mas como uma totalidade. A PCS está centrada na construção de significados do experienciar a vida. E todo esse experienciar a vida, que ocorre no tempo irreversível, é a construção de significados da pessoa. Na trajetória de vida do pastor Eugene Peterson foram identificadas rupturas variadas e marcantes, sendo que duas foram apontadas no presente estudo. O que demonstra que a vida do pastor não é algo reto, perene, mas constituída de sobressaltos, muitas vezes qualitativos.

Referências

- ABBEY, E. Ambivalence and Its transformations. In: J.Valsiner (Ed.). **The Oxford Handbook of Culture and Psychology**, 989-997, 2012.
- ABBEY, E.; VALSINER, J. Emergence of Meanings Through Ambivalence. In: **Forum: Qualitative Social Research.FQS**. Volume 6, No. 1, Art. 23 January 2005.
- ANSELMO, M. G. **O ministério pastoral**. Disponível em: <https://estudos.gospelmais.com.br/o-ministerio-pastoral.html>. Acesso em: 24 out. 2021.
- AZEVEDO, I. P. **De pastor para pastores: um testemunho pessoal**. São Paulo: JUERP, 2001.
- BERTALANFFY, L. V. **Teoria geral dos sistemas: fundamentos, desenvolvimento e aplicações**. 7. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- BÍBLIA. **Bíblia de estudo da reforma**. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.
- BRANCO, A. U.; VALSINER, J. Changing methodologie: a co-constructivist study of goal orientations in social interactions. **Psychology and Developing Societies**. 9 (1). Sage, London, 1997.
- BRUNER, J. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- CARSON, D. A.; FRANCE, R. T.; MOTYER, J. A., WENHAM, G. J. **Comentário bíblico**: Vida Nova. São Paulo: Vida Nova, 2009.
- COOPER, D. R.; SCHINDLER, P. S. **Métodos de pesquisa em administração**. Porto Alegre: Bookman, 2003.
- COLE, M. **Cultural Psychology**. USA, Belknap Harvard, 1996.
- HERMANS, H.J.M. The dialogical *self*: Towards a theory of personal and cultural positioning [Versão eletrônica]. **Culture & Psychology**, 7 (3), 243-282, 2001.
- HERMANS, H. J. M. The dialogical self as a society of mind: introduction [Versão Eletrônica]. **Theory & Psychology**, 12(2), 147–160, 2002.
- HERMANS, H. J. M.; KEMPEN, H. & Van Loon, R. The dialogical self: beyond individualismo and rationalism. **American Psychologist**, v. 47, p. 23-33, 1992.
- KEENER, C. S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2017.
- LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**. Porto Alegre: UFMG, 1999.

LYRA, M.C.D. P.; VALSINER, J. (2011). Historicity in Development: abbreviation in mother-infant communication. In: **Infancia y Aprendizaje**, 34 (2), pp.195-203, 2011.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MATTOS, E. de. Desenvolvimento do self na transição para a vida adulta: Um estudo longitudinal com jovens baianos. **Tese de Doutorado**, Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

MOLENAAR, P. C. M. A **Manifesto on Psychology as Idiographic Science: Bringing the Person Back Into Scientific Psychology, This Time Forever, Measurement: Interdisciplinary Research and Perspectives**, 2:4, 201-218, 2004.

MORAES, A. S.; NASCIMENTO, O.; MILDENBERG, E. A igreja, o pastor e a ovelha: o cuidado pastoral na igreja local. **Revista Terra e Cultura: Cadernos de Ensino e Pesquisa**. v. 38, nr. especial. ISSN 2596-2809, 2022.

PEIRCE, C.S. **Philosophical Writings of Peirce**. Buchler, J. (Ed.). New York: Dover Publications, INC, 1955.

PETERSON, E. **Memórias de um pastor**. Tradução A. G. Mendes. São Paulo: Mundo Cristão, 2011. Título original: *The Pastor: A Memoir*.

SALGADO, J.; GONÇALVES, M. M. The dialogical self: social, personal, and (un)counscious. In A. Rosa, & J. Valsiner (Eds.), **The Cambridge Handbook of Socio-Cultural Psychology**. Cambridge: Cambridge University Press, 608-621, 2007.

SALGADO, J.; HERMANS, H. The return of subjectivity: from a multiplicity of selves to the dialogical self [Versão eletrônica]. **E-Journal of Applied Psychology: clinical section**, 1(1), 3-13, 2005.

SALVATORE, S.; VALSINER, J. Between the General and the Unique: Overcoming the Nomothetic versus Idiographic Opposition. In: **Theory & Psychology**. v.20 (6): 817-833, 2010.

SALVATORE, S.; ZITTOUN, T. Outlines of a psychoanalytically informed cultural psychology. In: **Cultural Psychology and Psychoanalysis: pathways to synthesis**. Charlotte, North Carolina: IAP, 2011.

SATO, T.; YASUDA, Y.; KIDO, A.; ARAKAWA, A.; MIZOGUCHI, H.; VALSINER, J. Sampling Reconsidered: Idiographic Science and the Analyses of Personal Life

Trajectory. In Valsiner, J. Rosa, A. **The Cambridge Handbook of Sociocultural Psychology**, 2007.

SHWEDER, R.A. “Cultural Psychology – What is it ?”. In J.W. Stigler, R.A. Shweder, e G. Herdt (Eds.), **Cultural Psychology**. Cambridge University Press. p.1-43, 1990. Recuperado em 23 de julho de 2014 de <http://assets.cambridge.org/97805213/71544/sample/9780521371544ws.pdf>.

VALSINER, J. **Culture and human development: an introduction**. London: Sage, 2000.

VALSINER, J. Process structure of semiotic mediation in human development. **Human Development**. 44: 84-97, 2001.

VALSINER, J.; ROSA, A. **The Cambridge Handbook of Sociocultural Psychology**. London: CUP, 2007.

VALSINER, J. **Fundamentos de uma psicologia cultural: mundos da mente, mundos da vida**. Porto Alegre: Artmed, 2012a.

_____. Introduction: Culture in Psychology: A Renewed Encounter of Inquisitive Minds. In: J. Valsiner (Ed.). **The Oxford Handbook of Culture and Psychology**, 3-24, 2012b.

_____. **An Invitation to Cultural Psychology**. London: SAGE, 2014. Recuperado em 10/07/2014, de https://www.formazionescienze sociali.unisalento.it/c/document_library/get_file?folderId=932964&name=DLFE-143336.pdf.

_____. Making Sense of Self-Completing Wholes: Epistemological travels of Hans Driesch. In: D. Carré, J. Valsiner and S. Hampl (Eds). **Representing Development: Social construction of models of change**. London: Routledge, 2018.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 5. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WEDEL, S., DÜCK, A. W. Pastores também são ovelhas: importando-se para cuidar daqueles que cuidam. **Rev. Cógnito**, Curitiba, v. 2:2, pág. 279-318. ISSN 2674-5593, 2020.

WIERSBE, W. W. **Comentário Bíblico Expositivo do Novo Testamento**. Vol 2. Santo André. SP: Geográfica, 2006.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2Ed.. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZITTOUN, T. The use of resources in developmental transitions [Versão eletrônica]. **Culture & Psychology**, 9(4), 415-448, 2003.

ZITTOUN, T. **Transitions:** development through symbolic resources. Charlotte, NC: Information Age Publishing, 2006a.

ZITTOUN, T. (2006b). Dynamics of interiority: ruptures and transitions in the self development. In L. M. Simão, & J. Valsiner (Eds.), *Otherness in question: labyrinths of the self. A volume in Advances in Cultural Psychology* (pp. 187-214). Charlotte, NC: Information Age Publishing.

ZITTOUN, T. The Role of Symbolic Resources in Human Lives. In: J. Valsiner; A. Rosa (Eds.). **The Cambridge Handbook of sociocultural Psychology**. Chapter 16. Pp.343-361. CUP, 2007.

ZITTOUN, T. Dynamics of life-course transitions: a methodological reflection. In: **Dynamic Process Methodology in the Social and Developmental Sciences**. Chapter 18, 405-429, 2009.

ZITTOUN, T. Life-Course: A Socio-Cultural Perspective. In: J. Valsiner (Ed.) **The Oxford Handbook of Culture and Psychology**. 513-535, 2012.